

## A ética é o estilo

*Não há ética da psicanálise.* Podemos começar por aí, não há ética da psicanálise. É indubitável que seu impacto na cultura (não deixa de ter voz ativa no mal-estar que denuncia) ajudou a mudar noções como bem e mal, desejo e gozo, sofrimento e angústia, mas daí a fornecer critérios a priori para a condução da vida vai alguma distância. Conduzir alguém a desvelar o inconsciente decerto mudará suas posturas éticas, porém isso não constitui per se uma Ética, mais não seja por não poder ser generalizado. Com efeito, nem a teoria fornece critérios para um manual para a ação válido para todos, nem a prática autoriza a pronunciar-se sobre os meios que os outros escolhem e a validade dos fins que os motivam.

Não se trata de pleitear para nossa disciplina uma zona cinzenta qualquer de amoralidade, como Gianotti está tentando fazer com a política em benefício de nosso presidente, mas de deixar bem claro que uma coisa é postular uma Ética baseada em valores ou bens fundados psicanaliticamente e outra perguntar-se de que modo entra a pergunta ética *na* psicanálise, no seu exercício. Porque é óbvio que em se tratando de uma *praxis* a questão dos *fins* se coloca de imediato, e esta é a questão ética por excelência. Não obstante, como diz muito bem Patrick Guyomard<sup>1</sup>, “a ética na psicanálise não é psicanalítica”. Ele pergunta, com extrema pertinência, se a ética em que se baseiam os psicanalistas no exercício de sua atividade difere e em quê da que eles tem como cidadãos. Sua resposta, com a qual concordo, é *não*, não é em nada diferente. Os valores dos analistas não são valores psicanalíticos e pode dar-se perfeitamente o caso (*vide* o *affair* Cabernit e a sua exploração por Besserman-Vianna) que a ética que os orienta, no consultório ou fora

---

<sup>1</sup> “El deseo de ética”.

dele, nada tenha a ver com a psicanálise. Contamos com uma teoria sobre as origens pulsionais da moral, mas fomos devidamente prevenidos contra a tentação de aplicar esta teoria para legislar em matéria de ética<sup>2</sup>. Por outras palavras, a psicanálise pode revelar as condições de enunciação de uma ética determinada, mas pretender uma que seja psicanalítica não passa de um sonho totalitário, e Freud não dizia outra coisa quando advertia que não tinha criado uma cosmovisão.

Um parêntese: embora não haja diferença de origem entre moral e ética, posto que ambos termos derivam de “hábito”, quando aqui falo de *moral* me refiro à normatividade comum, geral, codificada. A *ética* concerne as escolhas singulares que não invocam uma regra universal. É a pergunta pela própria ação, resistente a ser convertida em norma. (Quando se diz de alguém que “não tem ética”, o que se quer dizer é que a nossa ética deveria prevalecer sobre a dele, mas deste modo a transformamos numa sorte de moral.) Sempre agimos de acordo a uma ética, saibamos disso ou não, já que a ética é *relativa ao discurso*. Mudar um implica mudar a outra, pois a hierarquia de valores que movem o sujeito se altera junto com o discurso em que está tomado (é pois verossímil que o presidente tenha dito, quando da sua posse: “esqueçam o que escrevi (como sociólogo)”).

Embora o problema ético concirna o homem livre, o sujeito do direito, aquele que responderá perante os outros pelos seus atos, a ética relativa ao *discurso do psicanalista* pede um esclarecimento, já que o sujeito responsável ao qual se dirige o é pela sua palavra, não pelos seus atos. Entendamo-nos: não se trata de promover nenhum vale tudo ou um *laissez-faire* qualquer. O psicanalista parte do princípio de que a palavra de seu analisando

---

<sup>2</sup> Cf. A correspondência entre Freud e o pastor Pfister. Meu *Ensaio sobre a moral de Freud*.

tem valor absoluto (aprendeu isso, curiosamente, com o louco, o irresponsável por antonomásia, não tanto com o neurótico, sempre prestes a ceder em matéria de palavras). Falou, está falado, não tem discussão, sobretudo o que disse sem pensar. Contudo, caso o analisando resolva que não está mais aqui quem falou, não há nada que o psicanalista (enquanto psicanalista) possa fazer a respeito. O seu dever é confrontar o locutor com a diferença entre o que queria dizer e o que disse, porque às vezes não coincidem e esta diferença pode estar prenhe de conseqüências —como Bush, anunciando em cadeia nacional que com certeza fracassarão na sua luta contra o terrorismo—, mas se ele decidir ignorá-las —como Bush—, seu analista tem mais é que respeitar tal decisão. É opção sua, claro, transformar-se em fiscal de vida e milagres de seu paciente, mas terá mudado de discurso, terá deixado de ser seu analista. O discurso do analista funda esta responsabilidade ética pela própria palavra, mas *não de um único modo*. O modo como cada analista especifica a ética de seu discurso configura seu *estilo*. Voltaremos sobre isso.

\* \* \*

As proposições de Lacan no seu famoso seminário de 1960 não constituem em nada uma Ética. Ética era a pergunta que dirigia aos analistas, ao levá-los a interrogar as relações entre seu desejo e a ação que realizam. O equívoco (do qual Lacan não é inocente) foi concluir que se estava elaborando um saber positivo sobre a ética *da* psicanálise quando o que estava em pauta era uma interrogação sobre o lugar e a presença da ética *na* psicanálise. E a conclusão, contra tudo que sempre se disse a respeito, é que *a ética na psicanálise não é psicanalítica*.

Outra coisa é a ética *dos psicanalistas*, esta se define em virtude da concepção que cada um deles tem acerca dos meios e os fins da psicanálise. O tratamento que proporão aos seus pacientes depende dela. Mas tal concepção não é apenas um problema de conhecimento universitário mas também decorre do tipo de experiência que teve (ou não teve) como analisando. Trata-se da *oferta* que o psicanalista faz à comunidade em que vive. O que ele oferece escutar nos discursos daqueles que eventualmente se encaminharão a seu consultório. A ironia lacaniana de que o psicanalista realiza o sonho de todo comerciante de com oferta gerar demanda, deixa sem dizer que a oferta determina a demanda de um modo particular, especificado pelo desejo inconsciente *deste* analista.

Causa espanto a crença pertinaz num inconsciente próprio do paciente que qualquer analista bem treinado —como diria um inglês—, estaria em condições de analisar objetivamente. Devemos, em parte, a Lacan a crítica desta ilusão e o esforço de mostrar que cada psicanalista infletirá a transferência na direção determinada pelo modo como ocupa os lugares de objeto e de Outro na estrutura da análise de seu analisando (cf. “o analista faz parte do conceito de inconsciente”). Bastaria para desmanchar esta credence sermos consequentes com a lógica subjacente ao sonho da “espírito histórica” (apelidada por Lacan “a Bela Açougueira”), aquela que sonhou “contra” a teoria do sonho como realização do desejo ou, então, das notas da análise do Homem dos Ratos: “Eu o interrogo sobre as razões que o levam a colocar em primeiro plano dados relativos à sua vida sexual. Ele responde que está aí o que ele conhece de minha doutrina.”

É claro que a famigerada “regra de abstinência” concerne precisamente a esta oferta de escuta, que está longe de ser vazia, como Lacan pretende<sup>3</sup>, mas está determinada pelo

---

<sup>3</sup> “Comment agir avec son être” in *Écrits*, p. 618

que mais ou menos sem saber o psicanalista deseja analisar no outro. Seu estilo de analista se configura a partir do que se dispõe a escutar, e esta oferta opera como causa não apenas da demanda como também do desejo do analisando (como desejo do Outro). Ao apreender os caminhos próprios desta alienação os pacientes estarão apreendendo a estrutura de suas respectivas fantasias fundamentais (mas também a dos seus analistas), movimento que se completa apenas com a separação. Insisto, da mesma oferta que gera a demanda que será analisada o analista deve saber se abster na hora certa para permitir ao seu analisando deixá-lo cair. Esta é sua “regra de abstinência”.

Seu estilo singular e sua ética, portanto, coincidem, coincidência que não pode permitir-se desconhecer só pena de reificar a sua escuta e esquecer que se trata de uma escuta, não de *a* escuta. Pela mesma razão, o critério do que se conhece como analisabilidade será sempre relativo a esta oferta e estilo. Tal paciente não é analisável *comigo*, porque o que lhe ofereço escutar não é o que precisa dizer para construir comigo seu “aparelho psíquico”. Mas pode sê-lo com outra pessoa, cuja oferta e estilo sejam diversos do meu.

Colocar as coisas nestes termos serviria senão para terminar ao menos para amenizar a lógica segregativa que rege as relações entre colegas e que tão caro nos custa a todos. Quero dizer, aceitar que a inanalizabilidade de fulano o era comigo e por causa do meu estilo, faria com que eu não ficasse magoado quando fico sabendo que com tal colega a análise dele está indo muito bem, obrigado. Não sentiria isso como aviltante para meu trabalho, além do quê estaria apto para saber quando é hora de mandar um analisando continuar a sua análise alhures. Por outro lado, e pela mesma razão, eu posso ser um bom analista para alguns e um analista medíocre ou nulo para outros. Reconhecer esta simples evidência possibilitaria abandonar a lógica não menos ridícula (se uma lógica pode ser

qualificada de tal) que paranóica que nos leva a afirmar nossa “psicanalístida” denegrindo a de um terceiro. Conhecem o sainete: dois colegas se juntam para dizer de um terceiro ausente que não é analista. Porque nesta lógica que acabei de citar se é analista ou não se é analista terceiro excluído. O ridículo a que me refiro cai de seu próprio peso no caso de demonstrar-se, como acredito poder fazer, que Lacan mudou de oferta e de estilo ao longo de sua “carreira”. Caso fosse possível demonstrar isso... precisaríamos escolher, já que um dos dois não seria analista, ou teria deixado de sê-lo, ou estaria em vias de deixar de sê-lo.

Vamos às ofertas.

Freud queria fazer consciente o inconsciente, a sua era uma *ética do juízo*, que é a mesma que comandava a pesquisa do cientista positivista de finais do xix e começos do xx. Freud desejava que as histéricas que se consultavam com ele substituíssem o recalque pelo juízo, para poder avaliar o que pode ser feito com o recalcado. Do lado de Freud a presença de sua ética pode ser constatada na sua recusa a decidir pelo paciente o destino do recalcado: não era problema seu, pensava. Mas, por outro lado, a emergência de um juízo que diz sim ou não ao desejo inconsciente, ao mesmo tempo que verifica clinicamente a teoria psicanalítica, revela no paciente uma ética ao forçá-lo a rever, digamos assim, a que acreditava ser a sua consciência (moral). E ainda, a psicanálise que ele fez possível traz à tona o pior de cada um. *Isso nos concerne a todos.*

Já Lacan, só para mencionar os mestres supremos, estava mais preocupado em saber se era possível desejar sem culpa. “Os limites éticos da psicanálise coincidem com os limites da sua praxis. Sua praxis é só o prelúdio a uma ação moral enquanto tal”<sup>4</sup> E para

---

<sup>4</sup> *Compte rendu avec interpolations du séminaire sur l'éthique*

fazer jús a este designio, Lacan faz do desejo um valor absoluto, a medida que orienta o juízo e permite a decisão. Mas a finalidade de sua política era levar os analisandos para além da angústia (que ainda comporta a presença do desejo do Outro), para um lugar onde não há ninguém, onde nenhum Outro responde ao apelo, à demanda do sujeito. Trata-se de uma *ética do desamparo* (não do desejo, como se disse, mal). Fazer com que o paciente experimente a *hilflosigkeit* radical de seu ser-para-a-morte<sup>5</sup>. Não se trata aqui de aderir ou criticar esta ética, mas de deixar as perguntas abertas: é ela analítica?, pode ser generalizada?, deve sê-lo se puder? e se for, já que em nada coincide com a política de Freud, diremos que um dos dois não era analista?

Na década de setenta, entretanto, e por razões que não vem ao caso elucidar agora, Lacan muda de estilo e, conseqüentemente, de ética, centrando seu trabalho e sua escuta menos no além do princípio do prazer que no discurso mesmo. No discurso enquanto discurso, trata-se de “navegar n’alingua” invertendo as relações entre fala e escrita que tinha definido desde “A instância da letra”. A finalidade é tornar o analisando mestre de seu discurso, é a *ética do estilo*, que em *Television* chama do “dizer-bem” (*bien-dire*). Trata-se de fazer do dizer —não do dito—, um bem (e se o modelo da ética do desamparo estava apoiado na literatura trágica, este parece uma mimese de Joyce, de Beckett ou de Sollers). Mas não se trata apenas de fruição estética ou de bancar o enigmático para causar o desejo do outro, mas de induzir à separação. Aprender a dizer o sintoma de tal modo que me sirva e eu possa deixar de servi-lo. Enfim, não é o momento nem o lugar para aprofundar nestas questões, apenas queria mostrar que Lacan de 1960 não tem a mesma ética que Lacan de 1970.

---

<sup>5</sup> Fizaram-me notar que já não se trata mais de orfandade ali, como a palavra “desamparo” leva a pensar, já que o analisando foi conduzido além do pai.

E que dizer de Ferenczi, para quem o inconsciente é a criança que todos levamos dentro e á qual ele pretendia dar a palavra? Ou de Melanie Klein cuja teoria fundamenta uma clínica que verifica sua *ética do luto*, destinada a atravessar a inveja que, na opinião dela, é a manifestação subjetiva do limite, da “rocha viva da castração” contra a qual freud teria se chocado? Que deles e de tantos outros? Não são analistas? E nós, não somos analistas?

\* \* \*

Colegas que me ouviram falar destas coisas me transmitiram sua preocupação ao entender que afirmo tantas éticas quanto analistas haja, não seria aviltar o conceito mesmo de ética? A objeção é de peso e não me sinto preparado para responder à altura. Apenas queria concluir com alguns lineamentos muito gerais: para conhecer e aplicar a teoria psicanalítica me parece necessária uma ética, ou melhor, estar ciente de que implica necessariamente a ética daquele que se dispõe a engajar-se. A preocupação *técnica* é uma questão de ética, e a formação não pode ignorar este fato: a instância da denominada “supervisão” adquire aqui todo seu peso e deveria ser repensada à luz destas questões, já que ela será, antes de mais nada, o lugar em que um analista com assistencia de um colega mais experimentado ou não pode apropriar-se da ética que se deduz da sua técnica.

Apesar dos esforços feitos nesta direção<sup>6</sup>, não creio que a ética dos psicanalistas possa ser subsumida sob regras deontológicas. Ela pode ser abordada, um de cada vez, a partir de uma discussão sobre seu *savoir-faire*, isto é, o conjunto de conhecimentos e

---

<sup>6</sup> Talvez o melhor e o mais sério seja o de Thomas Szaz.



experiências que fundamentam sua clínica e sua técnica. Sem esquecer jamais que debates sobre teoria e técnica são em tudo diferentes de conflitos de valores. Aquilo que para um seria uma posição ética singular ao pretender generalizá-la passa a ser uma impostura, vira ideologia ou se torna regra moral uma vez separada das suas condições de enunciação.

Para meu uso pessoal, o conceito de Lacan —primoroso, se tal adjetivo cabe a um conceito— de *desejo do analista* designa nem mais nem menos que a presença inelutável da questão ética no interior da prática analítica: o que o desejo do analista me diz, como conecito, além de qualquer outra coisa, é que o analista deve precaver-se de acreditar-se um fim em si mesmo. Ou, em lacanês, seria bom que o analista não identifique o desejo que aprendeu a reconhecer durante a sua análise, atrelado a sua fantasia fundamental, que não o identifique com o desejo do Outro dos seus pacientes. Ou, por outra, que não se tome pelo Deus que não há.

*Trabalho apresentado em 1999, no recém inaugurado Forum de psicanálise de São Paulo.*